

NARRATIVAS ACERCA DA MORTE: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DAS LIDERANÇAS DO MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL

Thaís Cecília dos Santos Brito¹; Rosineide de L. M. Cordeiro²

¹Estudante do Curso de Serviço Social – CCSA – UFPE. E-mail: cthaisbrito@gmail.com,

²Docente/pesquisadora do Depto de Serviço Social – CCSA – UFPE. E-mail: rocordeiro@gmail.com.

Sumário: Este estudo tem como objetivo investigar experiências sobre a morte em narrativas de lideranças do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central. A pesquisa é qualitativa e utilizou como metodologia a etnografia narrativa. Foram analisadas 16 entrevistas narrativas realizadas com lideranças do MMTR. A morte é compreendida à luz das religiões cristãs e além de um acontecimento biológico, foi relacionada aos desafios recorrentes no cotidiano das interlocutoras. Denunciaram o descumprimento de princípios básicos do Sistema Único de Saúde, como a integralidade, e diretrizes, como a regionalização. Apesar das críticas, as mulheres reconheceram que houve mudanças significativas no tocante as causas de mortes nas áreas rurais, com relação à diminuição da mortalidade materna e infantil, e tratamento de algumas doenças como a tuberculose, fazendo com que aumentasse a expectativa de vida da população. Os ritos fúnebres preservam práticas tradicionais, e quando católicos, duram a noite inteira, há rezas e cantos. Os funerais são acontecimentos públicos, momento em que a família e amigos/as enlutados/as são envolvidos/as pela solidariedade e apoio da comunidade.

Palavras-chave: morte; mulheres; narrativas; rural

INTRODUÇÃO

Apoiadas em José de Souza Martins (1983) compreendemos que a concepção de morte revela a concepção de vida. Desse modo, acreditamos que é possível nos aproximar dos desafios que foram e são postos na vida dessas mulheres, a partir de suas narrativas sobre a morte. Indagamos como as lideranças do movimento de trabalhadoras rurais que lutam pelos direitos das mulheres narram as experiências de morte que testemunham. Além disso, buscamos compreender como se tem experienciado a morte e o morrer nos contextos rurais neste momento de modernização das comunidades do campo.

Compreendemos a morte para além do aniquilamento físico, nas palavras de Norbert Elias: “ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida”. Ainda com base neste autor, afirmamos que de todos os seres vivos, a morte só constitui problema aos seres humanos, pois apenas nós temos consciência da nossa finitude (2001, p. 11).

A relação estabelecida com a morte e os mortos, mesmo aparentando relativa estabilidade e homogeneidade, varia no tempo e espaço. Phellipe Arriès (1977) assinala que os acontecimentos relativos à morte são modificados de forma muito lenta ou se situam em um longo período de imobilidade, por isso, não percebemos essa mudança. Para este autor, a morte era domada na época da Idade Média, passando a ser interdita nas sociedades contemporâneas. A “morte domada” significa que o moribundo estava mais conectado com sua própria morte, sentia-se que ia morrer e aceitava-se.

Norbert Elias (2001) contesta esse posicionamento de Àriès por entender que a morte neste período da história não era dócil como o referido autor preconiza. Elias acusa Àriès de ter uma visão descritiva da história, e afirma que antes, as pessoas tinham menos oportunidade

de amenizar as dores, além disso, a expectativa de vida era menor, a capacidade de evitar riscos, também, o medo da punição depois da morte era generalizado. Divergentes neste aspecto, os autores concordam que a morte era um acontecimento mais público do que hoje.

Nas sociedades industriais a morte é interdita, ou seja, ela não pertence mais ao morto; é mais comum ocorrer nos hospitais, local onde, paradoxalmente, mais se nega este acontecimento. Os próprios profissionais de saúde são ensinados na academia a enfrentar a morte como uma inimiga, eles/as precisam recorrer a todos os meios tecnológicos para defender a vida, mesmo que seja uma vida desumana, cercada de tubos e ruídos de máquinas (KOVÁCS, 2014).

Por fim, apresentamos uma afirmativa de José de Souza Martins (1983) que enfatiza a necessidade de discutirmos a morte e relembra que esta foi uma das primeiras preocupações da classe trabalhadora no Brasil. Reconhecer que existe um caráter de classe na morte, segundo ele, fortalece a organização da classe trabalhadora, pois revela quais condições de vida temos, com isso, quais reivindicações precisamos fazer. À classe, podemos acrescentar os marcadores sociais de raça, gênero e sexualidades na morte.

MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizamos o modo de pesquisa qualitativa. A escolha fundamenta-se na descrição de Denzin e Lincoln (2006, p. 26), para qual: “Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação”.

Para coleta e análise de dados utilizamos como perspectiva teórico-metodológica a etnografia narrativa. Gubrium e Holstein (2009) acentuam o caráter social da produção de narrativas como algo onipresente e central na vida em sociedade e afirmam sobre a etnografia narrativa “focaliza a atividade narrativa cotidiana que se revela na interação situada (...) como etnógrafos da prática narrativa, estamos habituados a ouvir e tomar notas sistemáticas de histórias reais e possíveis em variados contextos (p. 25)”.

Usamos o banco de dados do projeto de pesquisa “Narrativas sobre a morte”, no total foram analisadas 16 entrevistas correspondentes às mulheres militantes do MMTR. Como ferramenta de auxílio à análise dos dados, utilizamos o ATLAS.ti, versão 7.0, *software* desenhado para a abordagem de dados qualitativos. A utilização do *software* foi fundamental, haja vista o extenso material a ser analisado.

RESULTADOS

As narrativas das mulheres relatam histórias de mortes dos seus/suas entes queridos/as, vizinhos/as e conhecidos/as de suas comunidades; revelam inquietações e os sentidos que elas atribuem à morte; como também, versam sobre as práticas fúnebres das quais participam. Para análise no Atlas t.i classificamos os trechos das narrativas nos seguintes tópicos: sentidos da morte, histórias sobre a morte, ritos fúnebres e morte e movimento.

A morte foi descrita como necessária para alcançar a vida eterna, em consonância com o mito do fim cristão, e essencial para fazer cumprir o ciclo natural da vida (nascer, crescer, reproduzir e morrer). No entanto, pensar na naturalidade dos processos de morte, não significa que esta cause menos dor e sofrimento. A morte também foi descrita como “pesadelo”, geradora de “sofrimento”, “difícil de recuperar”, “coisa estranha”, “muito cruel”, mobilizadora de “preocupação”.

Na seção “histórias de morte” estão descritos, principalmente, os desafios postos à população rural no tocante ao acesso à saúde. O tratamento no próprio município é realizado com algumas dificuldades: não há todas as especialidades médicas, alguns

serviços são gerenciados por políticos ou a mando deles, e quando não dispõem de serviços para realizar o tratamento, há transferências para Recife e Petrolina, através de Programas como o TFD (Tratamento Fora do Domicílio).

A solidariedade e participação da comunidade são elementos constitutivos dos velórios no Sertão de Pernambuco. A vizinhança faz questão de participar e prestar solidariedade aos enlutados/as, o que explica a preocupação em manter todos/as informados/as do local e horário do velório; o aviso é feito a partir de anúncios nas rádios locais e passagens de carro de som. Esta solidariedade foi apontada por todas as entrevistadas como motivo de orgulho. Apesar das mudanças sucedidas pela mercantilização da morte, como a contratação de planos funerários, que de acordo com nossas interlocutoras “todo mundo tem”, muitas práticas tradicionais são mantidas: algumas mortes ocorrem em casa, os funerais duram à noite inteira e a casa do morto se torna um lugar público.

As narrativas de morte, quando relacionadas ao Movimento e militância, aparecem de três maneiras: relatos sobre a morte de Vanete Almeida, uma das percussoras do MMTR; desafios postos nos cuidados à saúde no cotidiano de militância; e solidariedade e apoio mútuo recebido pelas companheiras nos momentos de falecimento de familiares.

DISCUSSÃO

Neste estudo, indagamos como as lideranças do movimento de trabalhadoras rurais narram as experiências de morte que testemunham ao longo de suas militâncias pelos direitos das mulheres. Além disso, buscamos compreender como se tem experienciado a morte e o morrer nos contextos rurais neste momento de modernização das comunidades do campo. A partir dos resultados, foi possível observar que as narrativas das mulheres acerca da morte retratam seus desafios diários, seja no tocante ao acesso à saúde, seja levantando pautas travadas pelas trabalhadoras rurais.

A crença em outras dimensões da vida foi afirmada por quase todas as entrevistadas, elas crêem que um dia irão encontrar com os/as entes queridos/as que já partiram. De acordo com José Carlos Rodrigues: “Em todas as culturas os indivíduos, para conseguirem construir intelectual e afetivamente suas (auto)identidades, têm necessidade de um mito do fim, como de um mito da origem (2006, p. 33).” Ou seja, o ser humano sempre busca estratégias para lidar com a morte ante a consciência da sua finitude.

Martins (1983) afirma, na introdução do livro: “A morte e os mortos na sociedade brasileira” que as concepções de morte nas regiões “distantes e atrasadas” não são banidas e interditas como nos grandes centros urbanos. Porém, observamos durante as análises das entrevistas, que algumas práticas relacionadas à morte estão sendo modificadas acompanhando as mudanças de diversas ordens ocorridas no meio rural, como a presença mais acentuada do Estado (expressas na garantia de direitos sociais).

A solidariedade e participação da comunidade são elementos constitutivos dos velórios no Sertão de Pernambuco. “Quanto maior o número de pessoas existentes, mais honrada sentir-se-á a família do morto” (QUEIROZ, 1983, p. 250). O local do velório geralmente ainda é a casa do/a falecido/a mesmo num cenário de ascensão de empresas funerárias.

Uma das preocupações manifestadas quando narradas mortes de pessoas próximas, foi o acesso à saúde da população do campo. Por vezes, foram questionadas a ausência de humanização no atendimento e a real efetivação do Sistema Único de Saúde (SUS). De imediato, podemos afirmar que as diretrizes e doutrinas do Sistema não são respeitadas. A Equidade, por exemplo, significa “assegurar ações e serviços de todos os níveis de acordo com a complexidade que cada caso requeira, more o cidadão onde morar, sem privilégios e sem barreiras”. Porém, a interiorização ainda não é uma realidade concreta, o que

compromete a atenção em saúde da população que mora mais afastada dos grandes centros urbanos.

CONCLUSÕES

A realidade investigada revela a importância de pensarmos os estudos acerca da morte e do morrer pois apresentam os modos de vida, as imbricações entre classe e gênero e as reivindicações e resistências do grupo pesquisado. Nas narrativas, aparecem as pautas das trabalhadoras rurais quando as mulheres falam de suas experiências com a morte. Nos relatos sobre a morte aparecem as denúncias dos serviços de saúde.

A população sertaneja atribui uma importância peculiar aos cuidados dos doentes, e como relatado, é valoroso estar no momento de morte dos/as entes queridos/as. A partir do momento em que há um deslocamento do local de morte (da comunidade para a capital), há também uma quebra nas práticas cotidianas. A depender da distância, a comunidade não terá tempo suficiente para velar o corpo à noite inteira e os parentes que moram distantes, não chegarão a tempo do velório. Estes fatos põem em jogo a elaboração do luto por não permitirem (ou reduzirem) o momento da despedida, como também, deslocam o morto da condição de sujeito e protagonista de sua morte, afastando-o de tudo e todos que lhe deram vida.

AGRADECIMENTOS

Às minhas familiares. Ao CNPq e UFPE, que viabilizou este trabalho. À minha orientadora Rosineide Cordeiro, pelo compromisso com a minha formação e aprendizado. À equipe da pesquisa “Narrativas sobre a morte”, pelas frutíferas discussões.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ELIAS, N. (1982) **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. **Analysing narrative reality**. Los Angeles: Sage Publications, 2009.

KOVACS, Maria Julia. **A caminho da morte com dignidade no século XXI**. Rev. Bioét., Brasília, v. 22, n. 1, Apr. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198380422014000100011&lng=en&nrm=iso. acesso em 20 jan. 2015.

MARTINS, José de Souza. **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2 ed., ver. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, p. 17-23.